

Entre o sertão, a cidade e o mar: caminhadas etnográficas no Litoral Norte da Paraíba

Silvana de Souza Nascimento



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1591>

DOI: 10.4000/pontourbe.1591

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Silvana de Souza Nascimento, « Entre o sertão, a cidade e o mar: caminhadas etnográficas no Litoral Norte da Paraíba », *Ponto Urbe* [Online], 6 | 2010, posto online no dia 31 julho 2010, consultado o 20 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1591> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1591

Este documento foi criado de forma automática no dia 20 Abril 2019.

© NAU

Entre o sertão, a cidade e o mar: caminhadas etnográficas no Litoral Norte da Paraíba

Silvana de Souza Nascimento

- 1 Como ensaio de aproximação entre o Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo (NAU-USP) e o Grupo de Pesquisa Etnografias Urbanas da Universidade Federal da Paraíba (GETU - UFPB), realizamos uma breve expedição em três cidades do Litoral Norte da Paraíba – Mamanguape, Rio Tinto e Baía da Traição nos dias 3 e 4 de junho de 2010, pleno feriado de Corpus Christi, com o intuito de observar elementos da paisagem urbana que poderiam suscitar campos de pesquisa futuros e a curiosidade etnográfica de alunos de graduação do curso de Antropologia da UFPB, localizado na cidade de Rio Tinto. Essa expedição contou com a participação do Prof. José Guilherme Magnani, coordenador do NAU/USP; do Prof. Marco Aurélio Paz Tella e da Profa. Silvana de Souza Nascimento, ambos coordenadores do GETU da UFPB; e de estudantes de Antropologia da UFPB: Aldo Silva de Mendonça, Danilo Alex Marques de Farias, Mércia Ferreira de Lima, Francisco de Assis Dornelas de Carvalho, Livia Freire da Silva, Verônica Guerra e Viviane Martins Ribeiro.
- 2 No primeiro dia da caminhada, iniciamos o percurso na Praça São Sebastião, no centro de Mamanguape, uma das cidades mais antigas da Paraíba, que nasceu a partir de antigos aldeamentos jesuíticos, no século 16, que reuniram especialmente índios potiguara. Abrigava também dezenas de engenhos de açúcar. Fundada em 1855, Mamanguape compreendia territórios hoje pertencentes a dez municípios, além da atual cidade que leva seu nome: Rio Tinto, Baía da Traição, Marcação, Itapororoca, Jacaraú, Pedro Régis, Curral de Cima, Capim, Cuité de Mamanguape e Mataraca. Hoje o município possui cerca de 41.600 habitantes (IBGE, 2009), que apresenta a maior dessa região e, até hoje, tem na cana-de-açúcar sua principal atividade econômica.
- 3 A cidade, recortada pela BR 101, localizada entre duas capitais, Natal/RN e João Pessoa/PB, apresenta uma diversidade de estilos de vida que podem ser definidos como urbanos

(um conjunto de códigos, equipamentos, formas de sociabilidade, espaços, serviços, bens e instituições urbanas). Essas caminhadas tiveram justamente o objetivo de entrar em contato com essa diversidade e atentar para lugares inusitados, personagens interessantes, rituais e formas de sociabilidade que pudessem instigar a curiosidade etnográfica do grupo.



Procissão de Corpus Christi,

Mamanguape, PB (foto de José Guilherme Magnani) Desse modo, saindo da praça, subimos em direção a um bairro periférico - o Areal. Atravessando a BR 101 sem faixa para pedestres tampouco semáforos ou pontes de acesso entre um lado e outro, adentramos uma rua, a principal do bairro, que apresenta diversos pontos de comércio: bares e lanchonetes, farmácia, dois mercadinhos e uma loja de material de construção. Era uma manhã de quinta-feira de Corpus Christi, com poucas pessoas na rua, algumas mulheres sentadas nas portas de suas casas, com as cadeiras na calçada. Terminando o asfalto, nos deparamos com um imenso terreno repleto de casas de taipa, distribuídas uniformemente em cinco largas ruas - uma ocupação auto-denominada de “sem-teto” que se iniciou há dois anos por um grupo organizado de moradores do bairro do Areal que dependiam de aluguéis de casas nas proximidades. Fomos gentilmente recebidos por seu José, um dos líderes da ocupação, que nos contou sobre a história desse movimento e dos “sofrimentos” que têm passado ao longo do processo de ocupação. Grande parte das 85 famílias que moram nesse espaço trabalha nas plantações e usinas de canas de açúcar nas proximidades da cidade e deseja conquistar uma casa própria. O grupo é liderado por três senhores que se responsabilizam pela segurança, organização, limpeza e negociações políticas com os órgãos públicos locais.

- 4 Depois de caminhadas em algumas ruas dos “sem-teto” do Areal, atravessamos novamente a estrada e nos deparamos com mulheres e travestis jovens, profissionais do sexo, que usam a BR como seu lugar de trabalho. Algumas habitam em pequenos quartos nos fundos de bares, cujo aluguel é negociado com os proprietários de acordo com os programas que realizam, outras aluguem quartos independentes e preferem realizar programas de forma independente, “na pista”, sem interferência de mediadores ou cafetões.
- 5 A margem da BR 101, que à primeira vista poderia ser vista apenas como um pórtico, lugar de passagem para viajantes e caminhoneiros, apresenta uma pluraridade de atividades econômicas - diversas mecânicas e auto-elétricos, postos de gasolina, motel, bares, restaurantes, vendedores ambulantes de castanhas de caju, etc. Além disso, é um lugar de sociabilidade de crianças e jovens do bairro Areal e Planalto que ocupam a beira

da estrada para jogar bola e soltar pipa, e de mulheres e travestis profissionais do sexo que ocupam bares, consomem bebidas alcoólicas e outras drogas e divertem seus clientes.

- 6 Depois dessa rápida observação na BR, nos dirigimos para um bairro mais distante do centro, conhecido como a “Rua do Meio”, temido pelos moradores do centro e visto como um lugar de marginalidade, criminalidade e violência. No centro da cidade estão sediadas as famílias mais abastadas, que tradicionalmente detêm os poderes políticos e econômicos. No centro, encontram-se os dois bancos da cidade, a cadeia, a prefeitura, o Centro Cultural Fênix, lojas de eletrodomésticos, móveis, roupas, calçados e utensílios domésticos, além de uma rua lateral onde há uma profusão de camelôs vendendo variados produtos.



Já no final da cidade, subimos em direção ao cemitério, para conhecermos o bairro Sertãozinho, onde está a Rua do Meio. Fomos recebidos por dona Nena, que habita neste bairro há quase trinta anos e é uma importante líder comunitária que cuida das crianças de toda comunidade, com pequena ajuda da Pastoral da Criança. Realiza reuniões com as mães, faz atividades lúdicas com as crianças, distribui lanches e dá aulas de reforço escolar. Em sua companhia, descobrimos que a rua do Meio, na verdade, divide-se em seis ruas estreitas (Rua do Meio 1, 2, 3, 4, 5 e 6) que até bem pouco tempo eram ocupadas por casas de taipa e hoje estão sendo substituídas por casas de alvenaria com o incentivo do governo federal (projeto “Minha casa, Minha Vida”). Não possuem saneamento básico nem abastecimento de água, que é feito pela prefeitura através de caminhões-tanque. O bairro também não possui transporte público. Ao mesmo tempo em que o bairro sobrevive em precárias condições urbanas, seus moradores vivem numa região praticamente rural, quase no final da cidade, com uma bela vista para áreas verdade do Vale do Mamanguape, e podem desfrutar da água e banhos em açudes, pequenas hortas e criação de animais.

- 7 Ao final desse dia, finalizamos uma caminhada assistindo à Procissão de Corpus Christi, saindo da Igreja de N.Sra. do Rosário dos Pretos, em direção à Igreja Matriz de São Pedro e São Paulo (esta construída em 1630). Ambas igrejas fazem parte do patrimônio histórico material da cidade.
- 8 No dia seguinte, debaixo de forte chuva que anuncia a chegada do inverno paraibano, continuamos a expedição, desta vez, em direção à cidade de Rio Tinto, localizada há 5 quilômetros de Mamanguape. Rio Tinto, emancipado em 1956, tem sua história marcada pela implantação da Companhia de Tecidos Rio Tinto (CTRT) a partir do início do século 20. Desde a inauguração da fábrica, em 1924, a cidade desenvolveu-se a partir de uma vila operária que se organizava integralmente em função dos interesses políticos, econômicos e sociais da companhia. Atualmente, com uma população aproximada de 23.000

habitantes (a segunda maior da microrregião), o município também sobrevive a partir da produção açucareira e, nos últimos anos, tem se destacado pelo fortalecimento de populações indígenas Potiguara, que conquistaram a demarcação de parte de suas terras, sendo duas aldeias localizadas dentro do *perímetro* urbano – Monte Mór e Jaraguá.



Começamos nossa observação partindo do centro de Rio Tinto também à procura de lugares que não são bem apreciados pela população que habita o centro: o pequeno bairro da Sensala. Esse bairro abriga pequenas casas, antigamente ocupadas por operários das fábricas, umas coladas nas outras, com pequenas áreas aos fundos que permitem a passagem de um quintal para outro. Numa dessas pequenas casas, mora Mãe Geralda, mãe de santo do terreiro “Santo Jorge Guerreiro”, que reúne elementos da umbanda, do candomblé e da Jurema. Apesar da diversidade religiosa do bairro, e da presença também de evangélicos, Mãe Geralda conquistou seu espaço e lá realiza seus rituais e festas de santo há muitos anos.

- 9 Depois de rápida passagem pela Sensala, visitamos a Praça João Pessoa, no centro de Rio Tinto – lugar de sociabilidade e da vida pública de grande parte dos moradores da cidade. A praça abriga vários bares, lanchonetes e restaurantes que movimentam especialmente a vida noturna da cidade. Durante o dia, empresários, comerciantes e políticos se encontram para negociar questões políticas e econômicas; jovens aguardam ônibus escolares e se divertem; mulheres idosas montam suas barracas e vendem roupas e utensílios domésticos. Na praça, também encontra-se a monumental Igreja Matriz Santa Rita de Cássia.
- 10 Posteriormente, subimos em direção à aldeia potiguara Monte-Mór, antiga Vila Regina, bairro popular onde habitavam os trabalhadores da linha de produção da companhia de tecidos. Os potiguaras, durante praticamente todo o século 20, até a decadência da companhia no final da década de 70, viveram nas periferias urbanas, além de regiões litorâneas, como na Baía da Traição. Contudo, a partir dos anos 1980, iniciou-se o período de emergência étnica dos Potiguara e a luta pela demarcação de suas terras. Em 1988, uma primeira aldeia, Jacaré de São Domingos, conseguiu sua demarcação e, no ano passado, a última aldeia, de Monte-Mor, conquistou suas terras dentro da cidade de Rio Tinto. Hoje, os Potiguara apresentam uma das maiores populações indígenas do nordeste, por volta de 11 mil pessoas distribuídas em 32 aldeias. Interessante notar que a luta pela terra dos índios misturou-se às reivindicações de populações camponesas, formadas por antigos moradores, empregados da fábrica e arrendatários. Em outras localidades, como na Baía da Traição, a identidade indígena mesclou-se também às das comunidades pesqueiras.
- 11 Depois da chuva, acompanhando então as áreas indígenas, seguimos para a Baía da Traição, passando por Marcação – cidade potiguara, no qual os índios detêm inclusive o

poder municipal. Na Baía da Traição, de um lado, observa-se a pequena cidade que apresenta várias casas de veraneio, restaurantes, hotéis e pousadas, que são amplamente ocupados nos períodos festivos, como o Carnaval, e é reconhecido como um pólo turístico do estado da Paraíba. De outro lado, encontra-se uma grande área indígena, que se inicia na aldeia do Forte e se estende ao longo de um vasto litoral. No Forte, fomos recepcionados por José Ciríaco, conhecido como Capitão, um dos principais líderes potiguara e sua filha Raíssa. Atualmente, pai e filha são estudantes de antropologia da UFPB e tem contribuído para a visibilidade dos potiguaras na instituição que, atualmente, tem recebido diversos estudantes indígenas em seus cursos no Litoral Norte.

- 12 Com o final da expedição, de forma experimental e embrionária, o Grupo de Pesquisa Etnografias Urbanas (GETU) da UFPB pretende dar prosseguimento às pesquisas que foram impulsionadas com o apoio do NAU, e propõe ampliar os campos da Antropologia Urbana e buscar novos modelos em lugares etnográficos onde se mesclam estruturas urbanas, rurais, marítimas e indígenas, entre o sertão, o litoral e a cidade.

AUTHOR

SILVANA DE SOUZA NASCIMENTO

Silvana de Souza Nascimento é Profa. Adjunta de Antropologia do departamento de Ciências Sociais do Centro de Ciências Aplicadas e Educação da Universidade Federal da Paraíba.